

Por meio de resenhas de um dos maiores sociólogos contemporâneos - Zygmunt Bauman - o número 3 da *Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*, neste mês de setembro, apresenta o panorama mundial em que está inserida a temática da alfabetização de crianças, jovens e adultos. Desse modo, Orgides Maria da Silva Neta; Lucimara Rocha de Oliveira; Marta Serra Young Picchioni e Cláudia de Mendonça Cascapera, por meio da leitura atenta de obras expressivas do sociólogo polonês, apresentam, entre outras, as seguintes características da sociedade em que vivemos hoje, sobretudo, nos grandes centros: descartabilidade; consumismo; liquefação social. Para Bauman, a modernidade é líquida pois as identidades culturais, religiosas, sociais e outras que assumimos são constantemente modificadas, renovadas e transformadas no líquido da modernidade em que estamos emersos. Esse autor propõe uma teoria de compreensão do espaço e tempo e dá exemplos da imobilidade dos dominados e da organização espacial como instrumento opressor. A globalização, na busca da produtividade alta e de um imediatismo cultural, promove um distanciamento ainda maior entre as classes alta e baixa.

Nesse contexto, aproximamo-nos do mundo lusófono por meio de resenha intitulada "A identidade cindida de Alice", em que a professora do Instituto de Viseu – Maria de Jesus Fonseca- em parceria com aluna em nível de graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo- Gisela Aparecida Reis- apresentam a obra "Pela Mão de Alice" de Boaventura S. Santos e chamam a atenção para o risco que corremos em nos perdermos na materialidade da existência ao transmutar cidadania em consumo neste século XXI.

O artigo "O currículo e a educação de jovens e adultos: espaço de poder-saber", de Elizabeth Gottschalg Raimann, remete-nos à sala de aula na medida em que concebe currículo como "uma verdade a ser proclamada" por meio de políticas curriculares que, por sua vez, viabilizarão o cotidiano em sala de aula.

Elisabete Ferreira Esteves Campos, no trabalho “Políticas públicas em educação: uma proposta participativa de formação de professores” e Maria do Socorro Martins Calháu, com o artigo intitulado “A concepção do aluno nos programas de EJA no Brasil colaboram nessa discussão com um debate sobre políticas públicas brasileiras, formação de professores e a concepção de aluno, que está subjacente às escolas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De certo modo, o trabalho “Narração e Experiência: olhares para uma educação ‘aquém’ da pedagogia – um enfoque a partir de uma situação de aprendizado da escrita”, de César Donizetti Pereira Leite, dialoga com o tema acima exposto, pois apresenta alguns eixos de análise da prática cotidiana em sala de aula sendo que entre eles a “infantilização” da pedagogia merece ser destacado.

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais e Mairce da Silva Araújo em “Alfabetização: desafios da prática alfabetizadora” dirigem nosso olhar para a prática do professor alfabetizador em sala de aula, mais especificamente no âmbito da metodologia do ensino da língua portuguesa nos anos iniciais da escolarização. Dialogando com Freire e Morin reiteram a tese de que a alfabetização tem de ser vista com olhos menos reducionistas e buscar a construção de práticas alfabetizadoras emancipatórias. Segundo as autoras, é um desafio para a escola conceber a leitura como algo mais do que apenas soletrar a escrita que, por sua vez, não se reduz à transcrição da fala. A prática alfabetizadora pode fortalecer-se com os referenciais teóricos que potencializa a expressão dos atores ali envolvidos, especialmente em situações históricas de exclusão e negação de contextos culturais.

Já, Andréa da Paixão Fernandes leva-nos com seu texto “Alfabetizando e letrando... o despertar e a tessitura de conhecimentos nos caminhos trilhados” às mais variadas formas de linguagem – entre elas, a linguagem oral e a escrita, meios privilegiados que usamos para nos comunicar e foco central deste periódico eletrônico.

Enriquecendo este número, temos ainda “Introdução à pesquisa em um curso de graduação sobre bibliotecas populares e formação de leitores”, cuja autora é Márcia Cabral da Silva, e o texto “A relação entre os saberes comunitários e os conteúdos escolares no processo de alfabetização”, de Jaqueline Santos Picetti e Luciane Magalhães Corte Real. No primeiro, temos a oportunidade de refletir acerca da importância das bibliotecas populares para a formação de leitores e, no segundo, mais uma vez, o saber comunitário é colocado em destaque.

Helena Ferro Blasi – em “O professor do Ensino Fundamental e os distúrbios da lectura”- alerta-nos para o fato de que a escola “rotula”, como condição patológica a que muitos de seus alunos apresentam, sem, contudo, responder, eficazmente, ao desafio de trabalhar com as necessidades educacionais relacionadas às dificuldades de linguagem.

As professoras Iduina Mont’Alverne Braun Chaves e Tânia Rezende Cozzi, no artigo “Acolhendo o diálogo entre Letramento e Literatura Infantil”, discutem oito livros que elas próprias construíram para o aprendizado da leitura e da escrita e as possibilidades e limites impostos pelo material quando utilizado em diferentes escolas brasileiras.

Corroborando com essa análise o trabalho de Ana Dilma de Almeida Pereira – “O tratamento do “erro” nas produções textuais: a revisão e a reescritura como parte do processo de avaliação, já que se preocupa de modo muito apropriado - com um aspecto muito importante no âmbito do ensino e aprendizado da língua portuguesa, a tríade escritura – revisão – reescritura.

Muito interessante também é a entrevista realizada por Ana Maria de Menezes com profissionais que atuam na alfabetização de jovens e adultos em um país formado por oito ilhas, localizadas no Oceano Atlântico, a 250 quilômetros da costa oeste africana: São Tomé e Príncipe. Esse país, que faz parte da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP – tem como nós o português como língua oficial, mas ali se falam também línguas

crioulas de base portuguesa e línguas de Angola. A experiência de alfabetizadores nesse contexto multilíngüe é enriquecedora para o leitor brasileiro, especialmente os alfabetizadores, que desconhecem a complexidade do processo de alfabetização em contextos sociolinguisticamente complexos.

Finalmente, os textos “A Construção da África: uma reflexão sobre origem e identidade no continente”, de Simone Martins Rodrigues Pinto, e o texto de Regina Helena Pires de Brito e Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos sobre o Timor-Leste, recordam-nos os laços existentes entre os países com língua oficial portuguesa.

E assim, terminamos a abertura e apresentação deste n. 3, com parte do título do último trabalho que aqui apresentamos, desejando aos nossos leitores um excelente percurso no mundo da lusofonia. "Obrigadu barak"!!!

Nilce da Silva e Stella Maris Bortoni-Ricardo

